O papel da família no desenvolvimento socioemocional na primeira infância: os estilos parentais afetam a regulação emocional

Kátia Bento de Souza Muniz[1]
Evelin Trindade Dias[2]

1 – Discente da Graduação de Psicologia - Faculdades ASMEC - Ouro Fino – MG
2 - Docente do Curso de Psicologia e Orientadora - Faculdades ASMEC - Ouro Fino - MG

RESUMO:
O presente estudo aborda o papel da família no desenvolvimento socioemocional na primeira infância, com ênfase na maneira como os estilos parentais podem influenciar a construção da regulação emocional infantil, a primeira infância constitui um período marcado por importantes transformações, no qual a criança desenvolve progressivamente formas de compreender, expressar e administrar suas emoções e as interações estabelecidas com pais e cuidadores representam experiências significativas para a formação de vínculos, para a aprendizagem de comportamentos sociais e para o desenvolvimento da autonomia emocional. O **objetivo geral** do estudo foi analisar a influência dos estilos parentais no desenvolvimento da regulação emocional durante a primeira infância. Como **objetivos específicos**, buscou-se conceituar e caracterizar os principais estilos parentais; discutir os impactos das práticas educativas sobre o desenvolvimento emocional infantil; e compreender a contribuição da co-regulação emocional e da parentalidade positiva para a construção da autorregulação. A **metodologia** da pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e descritiva, realizada por meio de artigos científicos, dissertações, teses e obras clássicas da Psicologia, localizados nas bases SciELO, PePSIC e em repositórios institucionais. Os **resultados** indicaram que práticas parentais marcadas pela combinação entre afeto, responsividade e limites consistentes podem favorecer o desenvolvimento de competências relacionadas à autonomia emocional e à convivência social, por outro lado, relações caracterizadas por controle excessivo, ausência de limites ou indisponibilidade emocional podem dificultar a elaboração das experiências afetivas. **Conclui-se** que a regulação emocional é construída progressivamente nas relações estabelecidas durante a infância, destacando-se a importância de práticas parentais que reconheçam as necessidades emocionais da criança e ofereçam orientação adequada ao seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Estilos parentais; Desenvolvimento socioemocional; Regulação emocional infantil; Primeira infância; Parentalidade.

ABSTRACT:
This study addresses the role of the family in socio-emotional development during early childhood, emphasizing how parenting styles can influence the development of emotional regulation in children, early childhood is a period marked by significant transformations, during which the child progressively develops ways to understand, express, and manage their emotions; interactions with parents and caregivers represent meaningful experiences for bond formation, the learning of social behaviors, and the development of emotional autonomy. The **general objective** of the study was to analyze the influence of parenting styles on the development of emotional regulation during early childhood. **Specific objectives** included conceptualizing and characterizing the main parenting styles; discussing the impact of parenting practices on children's emotional development; and understanding the contribution of emotional co-regulation and positive parenting to the development of self-regulation. The research

methodology consisted of a qualitative and descriptive literature review, drawing on scientific articles, dissertations, theses, and classic psychological texts found in the SciELO and PePSIC databases and institutional repositories. The **results** indicated that parenting practices characterized by a combination of affection, responsiveness, and consistent boundaries can foster the development of competencies related to emotional autonomy and social interaction; conversely, relationships characterized by excessive control, a lack of boundaries, or emotional unavailability can hinder the processing of emotional experiences. The study **concludes** that emotional regulation is progressively constructed through relationships established during childhood, highlighting the importance of parenting practices that acknowledge the child's emotional needs and offer guidance appropriate to their development.

Keywords: Parenting styles; Socio-emotional development; Child emotional regulation; Early childhood; Parenting.

1. INTRODUÇÃO

A primeira infância constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, caracterizada por intensas transformações nos aspectos cognitivo, emocional, social e comportamental (Papalia; Feldmman, 2013). É nesse período que a criança começa a construir importantes habilidades relacionadas à percepção de si mesma, à interação com outras pessoas e à compreensão e expressão de suas emoções (Piaget, 1994).

Bee e Boyd (2011) dizem que o desenvolvimento socioemocional, não ocorre de maneira isolada, mas é influenciado pelas relações estabelecidas entre a criança e as pessoas que fazem parte de seu contexto de convivência, a família ocupa uma posição central, especialmente por representar, na maioria dos casos, o primeiro espaço de socialização e aprendizagem da criança. As experiências vivenciadas no ambiente familiar contribuem significativamente para a maneira como ela interpreta as situações, estabelece vínculos, expressa sentimentos e aprende a lidar com diferentes experiências emocionais (Weber, 2017).

Durante os primeiros anos de vida, a criança ainda não possui recursos emocionais plenamente desenvolvidos para compreender e controlar aquilo que sente, emoções como medo, raiva, tristeza, ansiedade e frustração podem ser experimentadas de maneira intensa, fazendo com que a criança necessite inicialmente do apoio dos adultos para organizar e compreender esses estados emocionais e isso está relacionado ao desenvolvimento da regulação emocional, compreendida como a capacidade de reconhecer, compreender, expressar e manejar as próprias emoções de maneira progressivamente adequada às diferentes situações (Winnicott. 2012; Bowlby, 2002).

Ainseorth *et al.* (1978) falam que a família pode ser compreendida como um dos primeiros “laboratórios sociais” da criança, pois neste ambiente que ela observa comportamentos, recebe respostas às suas manifestações emocionais e aprende, por meio das interações cotidianas, diferentes formas de reagir diante das situações, quando uma criança

demonstra medo, por exemplo, a maneira como seus cuidadores respondem a essa emoção pode contribuir para que ela desenvolva segurança e compreenda que seus sentimentos podem ser acolhidos e elaborados.

No que se refere aos estilos parentais, estes assumem especial importância para compreender o desenvolvimento socioemocional infantil, pois correspondem a padrões relativamente estáveis de atitudes, práticas, comportamentos, formas de comunicação, demonstrações de afeto e estabelecimento de limites utilizados pelos pais ou cuidadores na relação com as crianças (Alves; Martins, 2021).

Correia (2025) e Gottman e Declaire (1997) destacam diferentes estilos parentais, entre eles o autoritativo, o autoritário, o permissivo e o negligente, que se diferenciam principalmente pela combinação entre responsividade, afeto, controle e estabelecimento de regras, tais características podem influenciar diretamente a forma como a criança compreende as relações interpessoais e desenvolve recursos para enfrentar situações emocionalmente desafiadoras.

Um ambiente familiar caracterizado por afeto, disponibilidade emocional, comunicação e limites claros tende a oferecer condições favoráveis para que a criança desenvolva maior segurança emocional (Bowlby, 2002). O estilo parental autoritativo, por exemplo, é marcado pela combinação entre demonstração de afeto, responsividade às necessidades da criança e estabelecimento de limites consistentes, os cuidadores estabelecem regras e expectativas, mas também procuram explicar seus motivos, reconhecer os sentimentos da criança e incentivar progressivamente sua autonomia, podendo favorecer o desenvolvimento de habilidades relacionadas à identificação e ao manejo das emoções, uma vez que a criança encontra no adulto uma referência para compreender situações difíceis e construir estratégias de enfrentamento (Cruz, 2023; Eigenmann, 2015).

Em contrapartida, práticas parentais excessivamente rígidas, caracterizadas por elevado controle, pouca abertura ao diálogo e reduzida expressão de afeto, podem dificultar a aprendizagem emocional quando a criança passa a perceber determinadas emoções como inadequadas ou indesejáveis, em contextos autoritários, por exemplo, sentimentos como raiva, medo ou tristeza podem ser reprimidos em vez de compreendidos, levando a criança a apresentar dificuldades para expressar aquilo que sente de maneira saudável (Macana, 2014).

É importante destacar que estabelecer limites não significa impedir a expressão emocional, os limites são importantes para o desenvolvimento infantil, mas precisam estar associados a relações de cuidado, orientação e respeito às necessidades emocionais da criança (Sarian, 2025). Da mesma forma, a ausência de limites consistentes também pode representar um desafio para o desenvolvimento da regulação emocional, pois em ambiente excessivamente

permissivos, a criança pode encontrar poucas oportunidades para aprender a lidar com a frustração, esperar, negociar ou compreender que determinadas regras são necessárias para a convivência social (Simão *et al.,* 2026).

Sabe-se também que é, fundamental nesse processo a aprendizagem por observação, as crianças não aprendem somente a partir daquilo que os adultos dizem, mas também por meio da observação de suas atitudes e reações diante das situações cotidianas, ou seja, a forma como os pais ou cuidadores expressam raiva, enfrentam conflitos, demonstram carinho, lidam com frustrações e resolvem problemas pode tornar-se uma importante referência para o comportamento infantil (Vygotsky, 2007).

Compreende-se, a priori, que a família influencia muito no desenvolvimento socioemocional na primeira infância e isso implica reconhecer que as relações familiares constituem um importante contexto para a construção da segurança emocional e das habilidades de autorregulação, o modo como os cuidadores combinam afeto, comunicação, responsividade e limites pode influenciar significativamente a maneira como a criança aprende a identificar, expressar e administrar suas emoções (Sasso; Bellini; Cezar, 2026).

Nesse pressuposto, este estudo é uma revisão bibliográfica que investiga como os diferentes estilos parentais afetam a regulação emocional, e torna-se relevante para compreender fatores que podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento infantil, bem como a análise dessa relação que também contribui para ampliar a compreensão sobre a importância de práticas parentais sensíveis e consistentes, capazes de oferecer à criança proteção, orientação e oportunidades para desenvolver autonomia emocional.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise e interpretação de produções científicas. Segundo Gil (2026) a revisão parte da investigação fundamentado na busca, seleção, leitura e análise crítica de conhecimentos já produzidos sobre determinado objeto de estudo, diferentemente de uma pesquisa baseada na coleta direta de dados com participantes, este tipo de metodologia permite reunir contribuições teóricas e científicas disponíveis na literatura, estabelecendo relações entre diferentes autores, perspectivas e resultados encontrados.

A escolha dessa metodologia mostra-se adequada ao presente tema porque a relação entre família, estilos parentais e desenvolvimento socioemocional envolve diferentes dimensões psicológicas que vêm sendo discutidas ao longo do tempo, por meio da revisão da literatura, tornou-se possível examinar como diferentes estudos compreendem a influência das

relações parentais sobre a capacidade da criança de reconhecer, expressar e regular suas emoções, permitindo aproximar contribuições clássicas da Psicologia de produções mais recentes sobre parentalidade e desenvolvimento infantil.

A pesquisa foi realizada a partir de consultas em fontes científicas e acadêmicas, especialmente nas bases SciELO e PePSIC, além de repositórios institucionais de universidades e outras instituições de ensino e pesquisa, também foram utilizadas obras clássicas da Psicologia relacionadas ao desenvolvimento infantil, às relações familiares e à constituição dos vínculos afetivos, a utilização de diferentes fontes permitiu ampliar o levantamento bibliográfico, reunindo artigos científicos, dissertações, teses, trabalhos acadêmicos e livros considerados pertinentes à discussão proposta.

Para orientar a busca bibliográfica, foram definidos cinco termos principais: “estilos parentais”, “regulação emocional infantil”, “desenvolvimento socioemocional”, “primeira infância”, “parentalidade”, tais descritores foram utilizados de forma individual e combinada, conforme as possibilidades de cada base consultada, a utilização de palavras-chave relacionadas entre si permitiu localizar estudos que abordassem tanto os aspectos gerais do desenvolvimento socioemocional quanto questões específicas relacionadas às práticas educativas e às respostas dos cuidadores diante das emoções infantis.

A fundamentação teórica também considerou as contribuições de autores clássicos para a compreensão do tema, segundo Ainsworth *et al.* (1978) contribuem para a análise da qualidade dos vínculos estabelecidos entre a criança e suas figuras cuidadoras, destacando a importância das experiências iniciais para a construção de padrões de apego, a teoria do apego permite compreender que a sensibilidade e a responsividade dos cuidadores estão relacionadas à segurança emocional da criança, oferecendo uma importante base para discutir o desenvolvimento das relações socioemocionais.

As contribuições de Bowlby (2002) também são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento emocional, especialmente ao enfatizar a importância dos vínculos iniciais e da relação da criança com suas figuras de apego, experiências de cuidado, proteção e disponibilidade emocional participam da construção da segurança necessária para que a criança explore o ambiente e desenvolva suas relações. Winnicott (2012) por sua vez, permite compreender a importância de um ambiente suficientemente favorável ao amadurecimento emocional, destacando o cuidado e a qualidade das relações estabelecidas entre a criança e seus cuidadores. Já Piaget (1994) contribui para a compreensão de que o desenvolvimento ocorre de forma progressiva, envolvendo a construção gradual de capacidades relacionadas à compreensão das regras, das relações e da vida social.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionadas obras clássicas da Psicologia e publicações científicas relacionadas diretamente ao desenvolvimento socioemocional na primeira infância, aos estilos e práticas parentais, à regulação emocional, à parentalidade, ao apego e às relações familiares, bem como foram incluídos artigos científicos, livros, teses, dissertações e trabalhos acadêmicos disponíveis nas fontes consultadas, desde que apresentassem contribuição pertinente aos objetivos da pesquisa, também foram priorizados estudos publicados em português e produções de autores considerados relevantes para a fundamentação teórica do tema, incluindo trabalhos recentes e referências clássicas indispensáveis à compreensão histórica e conceitual da discussão.

Como critérios de exclusão, foram retiradas da análise produções duplicadas, textos que não apresentavam relação direta com o problema investigado, estudos centrados exclusivamente em outras fases do desenvolvimento humano e materiais que abordavam a família sem estabelecer relação com aspectos emocionais, parentais ou socioemocionais, foram excluídas publicações sem fundamentação compatível com os objetivos do estudo e textos cujo conteúdo não contribuía para a discussão sobre a influência das práticas e estilos parentais na regulação emocional infantil e a definição desses critérios contribuiu para delimitar o material analisado e manter a coerência entre a busca bibliográfica, os objetivos da pesquisa e a discussão desenvolvida ao longo do trabalho.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Os Estilos Parentais e suas Características (Autoritário, Autorizativo/Democrático, Permissivo e Negligente)

Cruz (2023) conceitua os estilos parentais como uma importante referência para compreender a maneira como pais e cuidadores estabelecem relações educativas com as crianças, isto é, eles correspondem a padrões de comportamento, atitudes e práticas utilizados pelos adultos no processo de criação, envolvendo aspectos como afeto, comunicação, controle, estabelecimento de regras e incentivo à autonomia.

França, Santos e Moço (2023) explica que na perspectiva clássica dos estilos parentais, destacam-se principalmente dois eixos fundamentais a exigência ou controle exercido pelos responsáveis e a responsividade, relacionada à capacidade de atender às necessidades emocionais da criança, a combinação entre esses elementos permite compreender diferentes formas de exercício da parentalidade. Por isso os estilos parentais influenciam não apenas o comportamento infantil, mas também aspectos importantes do desenvolvimento socioemocional (Baumrind, 1966).

> "Os estilos parentais configuram o clima emocional das práticas educativas, dividindo-se em quatro padrões principais: o autoritário, focado no controle estrito e pouca afetividade; o autorizativo, que associa limites firmes ao suporte emocional; o permissivo, marcado pelo afeto sem o estabelecimento de regras; e o negligente, caracterizado pela omissão de afeto e de limites" (Weber, 2017, p. 58).

Nesse pressuposto, a partir de Weber (2017), o eixo da exigência está relacionado ao grau em que os pais estabelecem regras, expectativas, limites e padrões de comportamento para os filhos, a responsividade, por sua vez, envolve a disponibilidade emocional, o acolhimento, o diálogo e a sensibilidade dos cuidadores diante das necessidades apresentadas pela criança.

Para Maccoby e Martin (1983) os dois elementos são importantes porque uma educação baseada somente no controle pode tornar-se excessivamente rígida, enquanto uma relação marcada apenas pela permissividade pode oferecer poucas referências para a criança e o equilíbrio entre limites e afeto apresenta-se como um aspecto relevante para uma parentalidade capaz de favorecer o desenvolvimento infantil. A forma como esses elementos são combinados caracteriza diferentes estilos parentais.

Já o estilo autoritário caracteriza-se pela presença elevada de controle e exigência, acompanhada, geralmente, por menor abertura para o diálogo e menor responsividade às necessidades emocionais da criança, os pais tendem a estabelecer regras rígidas e esperar obediência, podendo utilizar punições ou repreensões quando os comportamentos considerados inadequados são apresentados (Toneli *et al.*, 2024). A criança, muitas vezes, possui pouco espaço para questionar ou expressar seus sentimentos diante das decisões dos adultos e no cotidiano familiar, isso pode ser observado quando os responsáveis determinam o que deve ser feito sem explicar os motivos ou considerar as manifestações emocionais da criança, embora limites sejam necessários, o excesso de controle pode dificultar experiências de autonomia e expressão emocional (Baumrind, 1966; Alves, 2010).

O estilo autorizativo, também denominado democrático ou autoritativo em algumas traduções da literatura, caracteriza-se pela combinação entre exigência e responsividade, aqui os pais estabelecem regras e limites, mas procuram considerar as necessidades, opiniões e sentimentos da criança durante o processo educativo, a autoridade não é exercida exclusivamente pela imposição, mas também pela comunicação, orientação e explicação das razões relacionadas às regras familiares (Cunha; Maffazioli; Albuquerque, 2022). No dia a dia os responsáveis podem estabelecer limites para comportamentos inadequados e, simultaneamente, acolher a frustração ou a tristeza apresentada pela criança, tal combinação permite que a criança compreenda que seus sentimentos são legítimos, embora nem todos os comportamentos decorrentes deles sejam aceitáveis (Baumrind, 1966).

Galvão *et al.* (2025) traz que o estilo permissivo apresenta uma característica diferente, marcada por elevada responsividade e reduzido controle ou exigência, pais permissivos tendem a demonstrar afeto, proximidade e disponibilidade para os filhos, porém apresentam maior dificuldade em estabelecer regras, limites e consequências consistentes, bem como podem permitir que a criança escolha grande parte das atividades e decisões sem receber orientações suficientemente estruturadas. A intenção muitas vezes está relacionada ao desejo de evitar conflitos, sofrimento ou frustração, fazendo com que os adultos cedam com frequência às vontades infantis, mas a ausência de limites claros pode dificultar a aprendizagem de regras sociais, tolerância à frustração e compreensão dos limites necessários à convivência (Marzullo, 2026).

O estilo negligente, por outro lado, caracteriza-se pela baixa exigência e baixa responsividade, sendo marcado por reduzido envolvimento dos cuidadores com as necessidades emocionais e educativas da criança, nesse viés, podem existir poucas regras, pouca supervisão e também pouca disponibilidade afetiva ou comunicação significativa entre adultos e filhos (Simão *et al.*, 2026). A negligência não deve ser compreendida simplesmente como ausência de punição ou de autoridade, mas como uma dificuldade mais ampla de oferecer cuidado, acompanhamento e suporte adequado ao desenvolvimento infantil, a criança pode encontrar poucas referências para compreender seus sentimentos e organizar seus comportamentos (Weber, 2017).

É importante destacar que os estilos parentais não devem ser analisados de maneira simplista ou como categorias absolutamente fixas, as práticas utilizadas pelos pais podem variar conforme a idade da criança, as circunstâncias familiares, as características individuais e as situações vivenciadas no cotidiano, ou seja, um mesmo cuidador pode apresentar diferentes comportamentos diante de determinadas circunstâncias, alternando momentos de maior controle, maior permissividade ou maior diálogo e a qualidade dessas interações está relacionada à maneira como afeto, orientação, limites e comunicação são articulados no processo educativo (Maccoby; Martin, 1983).

A presença de afeto e responsividade é especialmente relevante porque a criança depende inicialmente das relações com os adultos para compreender suas experiências emocionais, pois quando os cuidadores demonstram disponibilidade para ouvir, acolher e orientar, oferecem referências que ajudam a criança a interpretar aquilo que sente, da mesma forma, limites consistentes auxiliam na construção de noções relacionadas à convivência, às consequências dos comportamentos e ao respeito às regras sociais, por isso, afeto e controle não precisam ser compreendidos como elementos opostos, quando articulados de maneira

equilibrada, podem contribuir para um ambiente familiar mais previsível e seguro para a criança (Curvello, 2021; Linhares, 2016).

Alves (2010) e Baumrind (1966) enfatizam que os estilos parentais representam uma dimensão importante para compreender o desenvolvimento socioemocional durante a primeira infância, a maneira como os pais exercem sua autoridade, demonstram afeto, estabelecem limites e respondem às manifestações emocionais dos filhos cria experiências que participam da formação das habilidades sociais e emocionais.

3.2 O Impacto dos Estilos Parentais na Regulação Emocional Infantil

A regulação emocional constitui uma habilidade essencial para o desenvolvimento socioemocional durante a primeira infância, pois permite que a criança aprenda progressivamente a reconhecer, compreender, expressar e manejar seus estados emocionais, porém essa capacidade não se desenvolve de forma independente ou imediata, nos primeiros anos de vida, a criança necessita da participação dos adultos para organizar experiências como medo, raiva, tristeza, ansiedade e frustração (Cruz, 2023; Ainsworth *et al.*, 1978).

Para Alves e Martins (2021) as respostas oferecidas pelos pais ou cuidadores assumem grande importância, pois ajudam a criança a compreender o significado de suas emoções e a construir estratégias para lidar com elas. Assim, as práticas parentais podem favorecer ou dificultar a aquisição gradual da autorregulação.

No estilo autorizativo, caracterizado pela presença de afeto, comunicação, responsividade e limites claros, a criança tende a encontrar um ambiente que oferece segurança e previsibilidade, uma vez que, os cuidadores estabelecem expectativas e regras, mas também demonstram disponibilidade para ouvir e compreender as manifestações emocionais dos filhos (Faria, 2024; Macana, 2014).

Quando a criança apresenta uma crise de raiva diante de uma frustração, por exemplo, o adulto pode reconhecer sua emoção sem necessariamente permitir o comportamento inadequado, tal postura ensina que sentir raiva é possível e legítimo, mas que existem formas socialmente adequadas de expressá-la, nessa lógica, a criança recebe simultaneamente acolhimento emocional e orientação comportamental, elementos importantes para o desenvolvimento da autorregulação (Cunha; Maffazioli; Albuquerque, 2022).

A comunicação estabelecida nesse modelo também pode contribuir para o desenvolvimento da compreensão emocional, ao conversar com a criança sobre aquilo que ela está sentindo, o adulto ajuda a nomear emoções e relacioná-las às situações que as provocaram, uma criança que aprende a identificar que está triste, frustrada ou com medo passa a ter maior

possibilidade de comunicar suas necessidades e buscar ajuda de maneira adequada (Siegel; Bryson, 2014; Vygotsky, 2007).

Além disso, a explicação das regras permite que ela compreenda gradualmente por que determinados comportamentos são necessários ou inadequados, tal aprendizagem favorece a construção de recursos internos para enfrentar situações emocionalmente difíceis, nesse sentido, a parentalidade participa ativamente da formação das competências socioemocionais. (Cordeiro, 2025; Alves; Martins, 2021).

Compreende-se também que práticas predominantemente autoritárias podem produzir dificuldades quando o controle e a exigência são acompanhados de pouca responsividade emocional, quando os sentimentos infantis são constantemente reprimidos, criticados ou desconsiderados, a criança pode aprender que demonstrar determinadas emoções é inadequado ou indesejável (Piaget, 1994).

Gottman e Declaire (1997) acrescentam que em vez de compreender a emoção e desenvolver estratégias para administrá-la, ela pode tentar escondê-la, evitá-la ou reagir de maneira intensa diante da impossibilidade de expressá-la. Cruz (2023) ainda diz que, não significa que todo comportamento de uma criança submetida a práticas autoritárias apresentará necessariamente problemas emocionais, mas indica que determinadas formas de interação podem aumentar a dificuldade de elaboração das experiências afetivas.

Winnicott (2010) traz que a ansiedade também pode estar relacionada a contextos familiares nos quais a criança encontra elevada cobrança e pouca abertura para expressar suas dificuldades, quando existe medo constante de punição, crítica ou desaprovação, a criança pode desenvolver comportamentos de esquiva diante de determinadas situações, em vez de procurar o adulto quando está insegura, pode aprender a esconder aquilo que sente para evitar consequências negativas. Este processo pode interferir na construção de uma relação de confiança e dificultar a aprendizagem de estratégias de enfrentamento emocional, por isso, o estabelecimento de limites precisa estar associado à comunicação e ao suporte afetivo, especialmente durante os primeiros anos de desenvolvimento (Salgado; Nascimento; Oliveira, 2026).

No estilo permissivo, embora exista maior demonstração de afeto e disponibilidade, a ausência de limites consistentes pode dificultar a aprendizagem da tolerância à frustração, a criança necessita experimentar gradualmente situações nas quais seus desejos não podem ser imediatamente atendidos, pois essas experiências fazem parte da vida social, isto é, os adultos eliminam constantemente qualquer situação de desconforto ou cedem diante de comportamentos intensos, podem reduzir as oportunidades para que a criança aprenda a esperar,

negociar e lidar com a frustração, assim o afeto é fundamental, mas precisa estar acompanhado de referências que auxiliem a criança na compreensão dos limites individuais e sociais (Marzullo, 2026; Alves, 2010).

Segundo Sasso; Bellini e Cezar (2026) no estilo negligente apresenta-se características ainda mais preocupantes em relação ao desenvolvimento emocional, pois envolve baixa responsividade e baixo controle, ou seja, a criança pode não encontrar no ambiente familiar um adulto disponível para ajudá-la a compreender e organizar seus sentimentos, a ausência de acompanhamento pode fazer com que ela tenha menos oportunidades de aprender estratégias de enfrentamento e de receber modelos adequados de expressão emocional. Em situações de medo, tristeza ou raiva, a falta de apoio pode favorecer respostas desorganizadas ou comportamentos de esquiva, a presença emocional dos cuidadores constitui um importante fator de proteção durante a primeira infância (Winnicott, 2012).

Para Toneli *et al.* (2024) as relações familiares também podem influenciar o desenvolvimento da empatia, uma vez que a criança aprende a reconhecer os sentimentos do outro a partir das experiências de interação que vivencia, pais que conversam sobre emoções, demonstram consideração pelos sentimentos dos filhos e explicam as consequências das ações podem favorecer a compreensão das necessidades de outras pessoas.

A criança passa, gradualmente, a perceber que suas ações produzem efeitos sobre os demais e que os sentimentos podem ser compartilhados e compreendidos, por isso, a regulação emocional não beneficia apenas o indivíduo, mas também contribui para relações sociais mais equilibradas e para o desenvolvimento da empatia (Siegel; Bryson, 2014).

Cruz (2023) e Alves e Martins (2021) explicam, a priori, que as diferentes práticas parentais, caracterizadas por afeto, responsividade, diálogo e limites consistentes tendem a oferecer melhores oportunidades para que a criança desenvolva autonomia emocional e estratégias de enfrentamento, por outro lado, o excesso de controle, a ausência de limites ou a falta de envolvimento podem dificultar esse processo e estar associados a manifestações como dificuldades de autorregulação, ansiedade, comportamentos de esquiva ou problemas na interação social.

3.3. O Papel da Co-regulação Emocional e da Parentalidade Positiva

A co-regulação emocional constitui um processo fundamental para compreender como a criança desenvolve, progressivamente, a capacidade de regular suas próprias emoções, durante a primeira infância, os recursos internos necessários para controlar sentimentos intensos

ainda estão em processo de desenvolvimento, fazendo com que a criança dependa significativamente da presença e da orientação dos adultos (Berger, 2011).

Bowlby (2002) explica que a regulação emocional inicialmente acontece de maneira compartilhada, por meio das interações entre a criança e seus cuidadores, o adulto funciona como uma referência externa capaz de oferecer segurança, organizar a situação e auxiliar a criança a compreender aquilo que está vivenciando, com o passar do tempo, essas experiências são gradualmente internalizadas e contribuem para a construção da autorregulação.

Já Cordeiro (2025) diz que a co-regulação pode ser observada em situações cotidianas nas quais a criança apresenta uma reação emocional intensa e necessita do auxílio de um adulto para recuperar o equilíbrio, diante de uma crise de choro, medo ou raiva, por exemplo, o cuidador pode utilizar uma voz tranquila, aproximar-se de maneira acolhedora, reconhecer o sentimento apresentado e ajudar a criança a compreender o que aconteceu. O objetivo não é simplesmente fazer com que a emoção desapareça rapidamente, mas proporcionar condições para que ela seja compreendida e gradualmente organizada, a criança aprende que emoções intensas podem ser enfrentadas com segurança e que existem adultos disponíveis para ajudá-la durante momentos de dificuldade. (Cunha; Maffazioli; Albuquerque, 2022).

É nesse processo, que segundo Curvello (2021) o comportamento emocional dos próprios pais possui grande relevância, crianças observam como os adultos reagem diante de situações de estresse, conflitos, frustrações e dificuldades e podem utilizar essas respostas como modelos de comportamento, quando o cuidador consegue reconhecer sua própria emoção e responder de maneira equilibrada, oferece à criança uma referência de enfrentamento emocional.

> “A co-regulação emocional constitui o processo fundamental pelo qual os cuidadores primários apoiam, modulam e organizam as experiências afirmativas e estressantes da criança durante a primeira infância. No âmbito da parentalidade positiva, a presença de um adulto emocionalmente disponível e responsivo permite que a criança desenvolva gradativamente a capacidade de gerir seus próprios estados afetivos. À medida que os pais validam as emoções infantis em vez de reprimi-las, oferecem um modelo de contenção e segurança que serve como sustentáculo para a transição da regulação externa para a autorregulação madura, reduzindo a incidência de comportamentos de externalização e promovendo a saúde mental infantil” (Siegel; Bryson, 2014, p. 68).

Conforme os autores acima, reações constantemente marcadas por agressividade, descontrole ou rejeição podem dificultar a aprendizagem de estratégias adequadas, nesse viés, a capacidade dos pais de regular suas próprias emoções também pode contribuir para a qualidade da regulação emocional dos filhos (Siegel; Bryson, 2014).

Já Sarian (2025), quando fala da parentalidade positiva, esta está relacionada a práticas educativas que procuram promover o desenvolvimento saudável da criança por meio da

combinação entre afeto, respeito, orientação, comunicação e estabelecimento de limites. Tal perspectiva não significa ausência de autoridade ou liberdade irrestrita para a criança, mas uma forma de exercer a função parental baseada na compreensão das necessidades infantis e na utilização de estratégias educativas que favoreçam autonomia e responsabilidade, os limites continuam sendo importantes, porém são estabelecidos de maneira clara e consistente, evitando que a educação seja fundamentada exclusivamente em punições ou ameaças (Papalia; Feldmman, 2013).

A escuta empática é uma das práticas que podem contribuir para esse processo, pois envolve prestar atenção ao que a criança comunica, reconhecer seus sentimentos e demonstrar interesse genuíno por suas experiências, escutar uma criança não significa concordar com todos os seus desejos ou permitir qualquer comportamento, mas demonstrar que seus sentimentos podem ser expressos e compreendidos (Winnicott, 2012).

Quando uma criança afirma que está com raiva porque não pode realizar determinada atividade, por exemplo, o adulto pode reconhecer sua frustração e, ao mesmo tempo, manter o limite estabelecido, pois tal postura ensina que emoções podem ser acolhidas sem que todos os comportamentos sejam autorizados. (Gottman; Declaire, 1997).

A nomeação das emoções também representa uma estratégia relevante para o desenvolvimento emocional, crianças pequenas nem sempre conseguem identificar com clareza aquilo que estão sentindo e podem manifestar emoções por meio de choro, gritos, agressividade ou isolamento, ao ajudá-las a identificar e nomear esses estados emocionais, os cuidadores ampliam as possibilidades de comunicação e compreensão (Galvão *et al.,* 2025; Linhares, 2016).

Expressões como tristeza, medo, raiva, alegria e frustração tornam-se gradualmente conceitos que permitem à criança organizar suas experiências internas, a partir dessa compreensão, torna-se mais fácil buscar estratégias adequadas para enfrentar diferentes situações emocionais. (Gottman; Declaire, 1997).

Faria (2024) se atenta para outro elemento importante da parentalidade positiva, que é a construção de limites consistentes, visto que a criança necessita compreender que existem regras relacionadas à segurança, à convivência e ao respeito pelas outras pessoas, mas para que os limites contribuam para o desenvolvimento emocional, é importante que sejam apresentados de maneira previsível e coerente. Mudanças constantes nas regras ou respostas excessivamente diferentes para situações semelhantes podem gerar insegurança e dificultar a compreensão das expectativas familiares, por isso, estabelecer limites não significa controlar excessivamente a

criança, mas oferecer referências que possibilitem a construção gradual de autonomia e responsabilidade (Correia, 2025; Santos; Franco, 2018).

O vínculo afetivo também possui papel importante nesse processo, relações nas quais a criança percebe disponibilidade, proteção e cuidado favorecem a construção de uma base de segurança a partir da qual ela pode explorar o ambiente e enfrentar novas experiências (Berger, 2011). A teoria do apego destaca a importância das relações estabelecidas com as figuras cuidadoras para a organização das experiências emocionais e sociais da criança, isto é, uma resposta suficientemente sensível às necessidades infantis, contribui para que a criança desenvolva confiança na relação e encontre apoio diante de situações de estresse. (Bowlby, 2012; Ainsworth *et al*., 1978).

Dessa maneira, a co-regulação e a parentalidade positiva estão diretamente relacionadas ao processo pelo qual a criança passa da dependência emocional inicial para uma capacidade progressivamente maior de autorregulação, o adulto não precisa eliminar todas as situações de frustração, medo ou tristeza vivenciadas pela criança, mas pode acompanhá-la durante essas experiências, oferecendo segurança, orientação e estratégias para enfrentá-las, ao longo do desenvolvimento, essas experiências repetidas possibilitam que a criança internalize formas mais adequadas de lidar com suas emoções, por isso, acolher, escutar, orientar e estabelecer limites são práticas que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento socioemocional saudável na primeira infância. (Bowlby, 2002; Gottman; Declaire, 1997).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 Estilos parentais e desenvolvimento da regulação emocional

Ao investigar assiduamente a literatura, encontra-se que os estilos parentais constituem um fator relevante para a compreensão do desenvolvimento socioemocional na primeira infância, especialmente no que se refere à capacidade da criança de regular suas emoções (Cruz, 2023).

Os estudos analisados apontam que a maneira como os pais ou cuidadores combinam afeto, responsividade, controle e estabelecimento de limites interfere nas experiências emocionais vivenciadas pela criança, a família representa um dos principais contextos de aprendizagem emocional, pois é nas interações cotidianas que a criança observa comportamentos, recebe respostas às suas emoções e desenvolve gradualmente estratégias para lidar com situações de frustração, medo, raiva e tristeza. (Faria, 2024; Alves; Martins, 2021; Eigenmann, 2015).

Entre os estilos analisados, o modelo autorizativo ou democrático apresenta resultados mais favoráveis ao desenvolvimento socioemocional, principalmente por combinar responsividade afetiva e estabelecimento de limites, a literatura indica que crianças inseridas em relações nas quais seus sentimentos são reconhecidos, mas os comportamentos também são orientados, possuem maiores oportunidades para desenvolver autonomia, capacidade de comunicação e autorregulação, outro ponto é, que o afeto não deve ser separado da autoridade, uma vez que a criança necessita tanto de acolhimento quanto de referências que organizem sua experiência (Sarian, 2025; Macana, 2014; Baumrind, 1966).

Em contrapartida, os estilos autoritário, permissivo e negligente apresentam características que podem dificultar determinados aspectos da regulação emocional, no estilo autoritário, o excesso de controle associado à menor responsividade pode favorecer a repressão das emoções e a dificuldade de comunicação dos sentimentos, já estilo permissivo, a ausência de limites consistentes pode reduzir as oportunidades de aprendizagem relacionadas à tolerância à frustração, por fim no estilo negligente, a baixa disponibilidade emocional e a reduzida supervisão podem limitar o suporte necessário para que a criança compreenda e organize suas experiências afetivas, tais resultados reforçam a importância da qualidade das interações familiares para o desenvolvimento infantil (Simão *et al.,* 2026; Cruz, 2023; Weber, 2017).

4.2 A influência das práticas parentais sobre o comportamento emocional infantil

Os resultados encontrados também demonstram que as práticas parentais exercem influência sobre a forma como a criança manifesta e administra suas emoções no cotidiano, evidenciando que crianças necessitam de adultos que sejam capazes de reconhecer suas necessidades emocionais e, simultaneamente, oferecer orientação diante de comportamentos inadequados (Toneli *et al.,* 2024; Santos; Franco, 2018). Quando os pais respondem às manifestações emocionais de maneira sensível e previsível, a criança encontra condições mais favoráveis para compreender o que sente e desenvolver estratégias de enfrentamento, por isso a regulação emocional aparece como uma habilidade construída progressivamente por meio das experiências de interação estabelecidas no ambiente familiar (Cunha; Maffazioli; Albuquerque, 2022).

Outro achado, é a influência do comportamento emocional dos próprios cuidadores, as crianças aprendem não somente pelas orientações verbais recebidas, mas também pela observação das atitudes dos adultos diante de conflitos e situações de estresse, pais que conseguem reconhecer suas emoções e utilizar estratégias equilibradas para lidar com situações difíceis oferecem modelos que podem ser reproduzidos pelas crianças (Galvão *et al.,* 2025;

Maccoby; Martin, 1983). Por outro lado, ambientes caracterizados por respostas frequentemente agressivas, imprevisíveis ou emocionalmente indisponíveis podem dificultar a aprendizagem de formas adequadas de expressão emocional. Assim, a capacidade de regulação dos adultos também pode contribuir para o processo de desenvolvimento emocional infantil (Cunha; Maffazioli; Albuquerque, 2022).

Compreende-se ainda, que comportamentos infantis considerados inadequados podem representar dificuldades relacionadas à comunicação e à regulação das emoções, choro intenso, irritabilidade, agressividade, isolamento ou comportamentos de esquiva podem ocorrer quando a criança ainda não possui recursos suficientes para nomear e organizar aquilo que sente (Baumrind, 1966).

Respostas exclusivamente punitivas podem não contribuir para a compreensão da emoção que está por trás do comportamento, práticas baseadas no diálogo, na orientação e na definição de consequências coerentes tendem a proporcionar maiores oportunidades de aprendizagem (Alves, 2010).

Os achados reforçam, desse modo, que a parentalidade exerce influência significativa sem determinar de maneira absoluta o desenvolvimento da criança, características individuais, condições sociais, relações familiares e experiências externas também participam desse processo, porém a família permanece como importante contexto de proteção e aprendizagem durante os primeiros anos de vida, a presença de relações afetivas consistentes, comunicação adequada e limites previsíveis pode contribuir para que a criança desenvolva recursos emocionais que serão utilizados em diferentes situações ao longo de seu desenvolvimento. (Cordeiro, 2025; Eigenmann, 2015; Bee; Boyd, 2011).

4.3 Co-regulação, vínculo afetivo e parentalidade positiva

Compreende-se, a priori, importância da co-regulação emocional para entender o desenvolvimento da autorregulação na primeira infância, durante os primeiros anos, a criança ainda depende significativamente do adulto para organizar emoções intensas, especialmente diante de situações que provocam medo, frustração ou insegurança (Winnicott, 2012).

O cuidador atua inicialmente como uma referência externa de segurança, ajudando a criança a recuperar o equilíbrio emocional e compreender aquilo que está vivenciando, com a repetição dessas experiências, a criança passa gradualmente a internalizar estratégias de regulação e torna-se mais capaz de lidar com suas emoções de maneira autônoma. (Sasso; Bellini; Cezar, 2026; Bowlby, 2002).

Práticas associadas à parentalidade positiva podem favorecer esse processo, uma vez que, a escuta empática, a validação das emoções, a comunicação, a demonstração de afeto e o estabelecimento de limites claros aparecem como estratégias importantes para a construção de um ambiente emocionalmente seguro, a validação não significa permitir todos os comportamentos apresentados pela criança, mas reconhecer a emoção existente e ajudá-la a encontrar formas adequadas de expressá-la (Salgado; Nascimento; Oliveira, 2026; Piaget, 1994).

O adulto pode estabelecer um limite ao mesmo tempo em que demonstra compreensão pelo sentimento da criança. Essa postura favorece a aprendizagem de que emoções são legítimas e podem ser administradas sem a necessidade de comportamentos prejudiciais (Gottman; Declaire, 1997).

Pode-se afirmar que, o desenvolvimento da regulação emocional está profundamente relacionado à qualidade do vínculo estabelecido entre a criança e seus cuidadores, relações marcadas por segurança, disponibilidade e responsividade oferecem condições para que a criança explore o ambiente e recorra ao adulto diante de situações de dificuldade (França; Santos; Moço, 2023; Linhares; 2016).

A teoria do apego contribui para essa compreensão ao destacar a importância das relações estabelecidas com as figuras cuidadoras para a organização emocional e social infantil, nesse viés, o vínculo afetivo não representa apenas uma dimensão da convivência familiar, mas constitui um importante elemento para a construção das competências socioemocionais. (Ainsworth *et al.*, 1978).

Diante dos resultados analisados, observa-se que a família exerce papel fundamental na formação das primeiras estratégias de regulação emocional da criança, os estilos parentais influenciam esse processo na medida em que determinam diferentes formas de responder às necessidades, emoções e comportamentos infantis, a literatura converge para a importância de uma parentalidade que consiga equilibrar afeto e limites, evitando tanto o controle excessivo quanto a ausência de orientação, para tal, favorecer relações baseadas em acolhimento, diálogo, previsibilidade e respeito às necessidades infantis pode contribuir para um desenvolvimento socioemocional mais saudável durante a primeira infância.

5. CONCLUSÃO

Compreende-se que pensar o desenvolvimento socioemocional na primeira infância exige ultrapassar a ideia de que a criança simplesmente ‘aprende a controlar’ suas emoções com o passar do tempo, a construção dessa capacidade está relacionada às experiências que ela

vivencia e às oportunidades que encontra para compreender aquilo que sente e neste percurso, a maneira como os adultos interpretam e respondem às manifestações infantis pode favorecer diferentes formas de enfrentamento emocional.

Educar emocionalmente não significa impedir que a criança experimente sentimentos desagradáveis, mas possibilitar que ela desenvolva recursos para atravessá-los, como frustração, medo, raiva e tristeza também possuem função no desenvolvimento, pois representam experiências por meio das quais a criança aprende sobre seus próprios limites, necessidades e relações, o desafio da parentalidade está, portanto, menos em eliminar o sofrimento infantil e mais em oferecer condições para que ele possa ser compreendido e elaborado.

Uma das principais contribuições da discussão deste estudo está na compreensão de que autoridade e acolhimento não precisam ocupar posições contrárias, visto que o estabelecimento de limites pode coexistir com respeito, diálogo e consideração pela subjetividade infantil, da mesma forma, demonstrar afeto não significa retirar da criança a possibilidade de enfrentar consequências, esperar com negativas e é justamente nessa combinação que podem surgir oportunidades importantes para o desenvolvimento de autonomia e maturidade emocional.

Destaca-se que a qualidade da relação parental não pode ser avaliada apenas pela presença ou ausência de regras, é necessário observar o significado que essas regras assumem na experiência da criança, bem como a maneira como os adultos reagem quando ela não consegue corresponder às expectativas.

Para tal, promover o desenvolvimento socioemocional implica também cuidar das condições nas quais os adultos exercem a parentalidade, orientar pais e cuidadores sobre emoções, comunicação e práticas educativas pode representar uma importante estratégia preventiva e de promoção da saúde mental infantil. Para a Psicologia, tal perspectiva amplia o olhar sobre a criança, reconhecendo-a como parte de uma rede de relações e indicando que intervenções voltadas à infância podem alcançar resultados mais consistentes quando consideram também aqueles que participam diariamente de sua formação emocional.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. D. S. *et al*. ***Patterns of attachment****: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

ALVES, J. S.; MARTINS, I. C. Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7,

n. 8, p. 453-465, ago. 2021. DOI: https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.1967. Acesso em: 15 set. 2026.

ALVES, C. P. Práticas educativas parentais e desenvolvimento infantil: contribuições da psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 311-320, 2010.

BAUMRIND, D. *Effects of authoritative parental control on child behavior.* ***Child Development****,* Washington, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966. Disponível em: https://arowe.pbworks.com/f/baumrind_1966_parenting.pdf. Acesso em: 08 set. 2026.

BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BERGER, A. ***Self-regulation****: Brain, cognition, and development*. Washington, DC: American Psychological Association. 2011.

BOWLBY, J. **Apego e perda**: v. 1: Apego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORDEIRO, R. L. B. **Envolvimento parental na estimulação das funções executivas e autorregulação emocional de crianças.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2025. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/274702. Acesso em: 14 ago. 2026.

CORREIA, M. C. **A afetividade parental e o tempo de qualidade**: contribuições para o desenvolvimento cognitivo na primeira infância. Orientador: Eurides Simões Soares. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) –Universidade Católica do Salvador, 2025. Disponível em: https://ri.ucsal.br/items/cb27fb3c-6643-4e63-a86a-66b8fe36f244. Acesso em: 16 set. 2026.

CRUZ, T. B. S. **Estilos parentais e o desenvolvimento emocional infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2023. Disponível em: https://bib.pucminas.br/pergamumweb/vinculos/0000b4/0000b47d.pdf. Acesso em: 28 ago. 2026.

CUNHA, A. C. B.; MAFFAZIOLI, A. C.; ALBUQUERQUE, K. A. Relações entre regulação emocional parental e desenvolvimento dos filhos. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 10, n. 3, p. 1-14, set. 2022. DOI: https://doi.org/10.18316/sdh.v10i3.7299. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/7299. Acesso em: 29 set. 2026.

CURVELLO, R. P. **Estratégias de regulação emocional de mães e pais em relação a seus filhos**.. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17383. Acesso em: 11 set. 2026.

EIGENMANN, M. **Pais feridos, filhos sobreviventes**: compreendendo as heranças emocionais e transformando vínculos. Curitiba: Appris, 2015.

FARIA, A. R. F. **Tempo de ecrã, desenvolvimento emocional e parentalidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Minho, Braga, 2024. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/5f1711645f22c7078204484562375248/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y. Acesso em: 10 set. 2026.

FRANÇA, V. B.; SANTOS, M. F. R.; MOÇO, C. M. N. Parentalidade e bem-estar emocional: como o modo de ser pai/mãe pode impactar a saúde emocionaldo filho. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, *[S. l.]*, v. 9, n. 9, p. 250–262, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i9.10988. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10988. Acesso em: 13 set. 2026.

GALVÃO, G. X. A. B. *et al*. A influência das relações parentais no desenvolvimento biopsicossocial na primeira infância: uma perspectiva da psicologia. **Revista de Psicologia**, Cuiabá-MT. 2025. Disponível em: https://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/psicba/article/view/2059. Acesso em: 27 ago. 2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8. ed. São Paulo. 2026.

GOTTMAN, J.; DECLAIRE, J. **Inteligência emocional na criação dos filhos**: como educar crianças emocionalmente inteligentes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LINHARES, M. B. M. Estresse precoce no desenvolvimento: impactos na saúde e mecanismos de proteção. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 33, n. 4, p. 587-599, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Sp37RNtbJQKzBPPTKBWJrfj/?lang=pt. Acesso em: 11 set. 2026.

MACANA, E. C. **O papel da família no desenvolvimento humano**: o cuidado da primeira infância e a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109267. Acesso em: 12 set. 2026.

MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. A. *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: MUSSEN, Paul H. (org.).* ***Handbook of child psychology****: v. 4: Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley, 1983. p. 1-101. Disponível em: https://www.scirp.org/reference/ReferencesPapers?ReferenceID=1468894. Acesso em: 29 set. 2026.

MARZULLO, F. M. Neurodesenvolvimento e dinâmica familiar: o clima emocional como arquitetura da identidade infantil. **Revista ft**, *[S. l.]*, v. 30, n. 157, p. 01–11, 2026. DOI: 10.69849/ds4yw542. Disponível em: https://www.revistaft.com/ft/article/view/480. Acesso em: 13 set. 2026.

PAPALIA, D. E.; FELDMMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1994.

SANTOS, N. N; FRANCO, G. Fatores que influenciam o desenvolvimento da compreensão emocional. **AMAzônica**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 25-55, 2018. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6534675. Acesso em: 10 set. 2026.

SALGADO, G. N. O.; NASCIMENTO, A. B.; OLIVEIRA, K. A. C. Família e a Escola no Desenvolvimento de Habilidades Socioemocionais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Uma Revisão da Literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, *[S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 1–15, 2026. DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v9i1.518. Disponível em: https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/518. Acesso em: 01 set. 2026.

SARIAN, M. S. **O papel da Educação Infantil no desenvolvimento socioemocional**: um olhar para a primeira infância. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2025. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/44875. Acesso em: 01 set. 2026.

SASSO, M. D. B.; BELLINI, M. A. K.; CEZAR, G. L. A pesquisa-ação na primeira infância: a família e as emoções. **Revista Ilustração**, *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 147–156, 2026. DOI: 10.46550/ilustracao.v7i1.500. Disponível em: https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/500. Acesso em: 02 set. 2026.

SIEGEL, D. J.; BRYSON, T. P. **O cérebro da criança**: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho. Rio de Janeiro: nVersos, 2014.

SIMÃO, D. A. S., *et al.* Influência da parentalidade, estilos e práticas parentais no desenvolvimento infantil: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, *[S. l.]*, v. 16, 2026. DOI: 10.19175/recom.v16i0.5406. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/5406. Acesso em: 12 set. 2026.

TONELI, L. S., *et al. Influence of biopsychosocial factors on development of premature and full-term babies*. ***Research,Society and Development,*** 2024. Disponível em: https://www.rsdjournal.org/rsd/article/view/45370. Acesso em: 15 ago. 2026.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho**: estilos parentais e filhos felizes. 5. ed. Curitiba: Juruá, 2017.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.